

# MARCHA NOTURNA

RUBEM BRAGA

**E**NTÃO Deus puniu a minha loucura e soberba; e quando descii ruelas escuras e desabei sôbre a aldeia, meus sapatos faziam nas pedras irregulares um ruído alto. Sentia-me um cavalo cego. Preto era tudo escuro; mas adivinhei o comêço da praça pelo perfil indeciso dos telhados negros no céu noturno.

De repente a ledeira como que encorcovou sob meus pés, não era mais eu o cavalo, eu montava de pé um cavalo de pedras, êle galopava rápido para baixo.

Por milagre não cai, rolei vertical até desembocar no largo vazio; mas então divisei uma pequena luz além. O homem da hospedaria me olhou com o mesmo olhar de espanto e censura com que outros me receberiam — como se eu fôsse um pára-quadista civil lançado no bôjo da noite para inquietar o sono daquela aldeia.

“Só tenho seis quartos e estão todos cheios; eu e outro homem vamos dormir na sala; aqui o senhor não pode ficar de maneira alguma”.

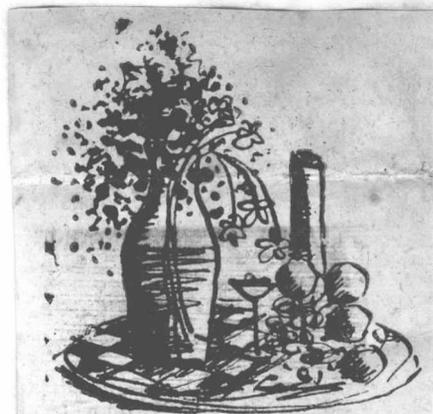
Disse-me que, dobrando à esquerda, além do cemitério, havia uma casa cercada de árvore; não era pensão, mas às vêzes acolhiam alguém.

Fui lá, bati palmas tímidas, gritei, dei murros na porta, achei uma aldraba de ferro, bati-a com força, ninguém lá dentro tugiou nem mugiu. Apenas o vento entre árvores gôrdas fez um sussurro grosso, como se alguns velhos defuntos aldeões, atrás do muro do cemitério, estivessem resmungando contra mim.

Havia outra esperança, e marchei entre casas fechadas; mas ao cabo da marcha o que me recebeu foi uma cara sonolenta de homem que me desanimou com monossilabos secos. Lugar nenhum; e só a muito custo, e já inquieto porque eu não arredava da porta que êle queria fechar, me indicou outro pouso. Fui — e êsse nem me abriu a porta, apenas uma voz do buraco escuro de uma alta janela me mandou embora.

“Não há nesta aldeia de critão um homem honesto que me dê pouso por uma noite? Não há sequer uma mulher desonesta?” Assim bradei, em vão. Então, como longe passasse um zumbido de aeroplano, me pus a considerar que o aviador assassino que no fundo das madrugadas arrasa com uma bomba uma aldeia adormecida — faz, às vêzes, uma coisa simpática. Mas reina a paz em tôdas estas varsovias escuras; amanhã pela manhã tôda essa gente abrirá suas casas e sairá para a rua com um ar cínico e distraído, como se fôssent pessoas de bem.

Não há um carro, um cavalo nem canôa que me leve a parte alguma. Ando pelo campo; mas a noite se corrou de estrêlas: E então como a



noite é bela, e como de dentro de uma casinha longe vem um choro de criança, eu perdôo ao povo da França. Marcho entre macieiras silvestres; depois sinto que se movem volumes brancos e escuros, são bois e vacas; ando com prazer nessa planura que parece se erguer lentamente, arfando suave, para o céu de estrêlas. Passa na estrada um homem de bicicleta. Pára um pouco longe de mim, meio assustado, e pergunta se preciso de alguma coisa. Digo-lhe que não achei onde dormir, estou marchando para outra aldeia. Não lhe peço nada, já não me importa dormir, posso andar por essa estrada até o sol me bater na cara.

Êle monta na bicicleta, mas depois de alguns metros volta. Atrás daquele bosque que me aponta passa a estrada de ferro, e êle trabalha na estaçãozinha humilde: dentro de duas horas tenho um trem.

Lá me recebe pouco depois, como um gran-senhor: no fundo do barracão das bagagens já me arrumou

uma cama de ferro; não tem café, mas traz um copo de vinho.

Já não quero mais dormir; na sala iluminada, onde o aparelho do telégrafo faz às vêzes um ruído de inseto de metal, vejo trabalhar êsse pequeno funcionário calvo e triste — e bebo em silêncio à saúde de um homem que não teme nem despreza outro homem.

412157

B. A.

388